

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA CAMPUS VII – CODÓ/MA
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

ESEQUIAS DE JESUS CRUZ

**DA RODOVIÁRIA AO TERREIRO: Análise descritiva de experiências de viajantes em
busca de trabalhos espirituais em Codó – MA.**

CODÓ/MA

2022

ESEQUIAS DE JESUS CRUZ

DA RODOVIÁRIA AO TERREIRO: Análise descritiva de experiências de viajantes em busca de trabalhos espirituais em Codó – MA.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas como parte integrante dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Codó.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

CODÓ/MA

2022

DA RODOVIÁRIA AO TERREIRO: Análise descritiva de experiências de viajantes em busca de trabalhos espirituais em Codó – MA.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas como parte integrante dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Codó.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso
Universidade Federal do Maranhão (Presidente)

Prof. Dra. Jascira da Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Codó/MA

2022

Cruz, Esequias de Jesus.

Da Rodoviária ao Terreiro: Análise descritiva de experiências de viajantes em busca de trabalhos espirituais em Codó-MA/Esequias de Jesus Cruz. – 2022.

43f.

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

Monografia (Graduação) - curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó - MA, 2022.

1. Codó. 2. Racismo. 3. Terecô. 4. Umbanda. I. Cardoso, Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio. II. Título.

Dedico este trabalho ao meu senhor Deus, rei dos exércitos; aos meus pais Adelaide Cruz e Benedito Cruz, por terem sempre me apoiado durante minha graduação; aos meus amados filhos Henry Gabriel Cruz e Maria Eduarda Cruz, são minha força que me fizeram superar os desafios; a minha irmã Maria de Jesus por sempre incentivar e acreditar no meu potencial para essa conquista; a minha esposa e companheira Gardênia Araújo por segurar a minha mão nos momentos de instabilidade durante o curso; os meus colegas de sala, que de uma certa forma contribuíram para a chegada desse momento; ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso por ter sido o guia dos caminhos a trilhar para o resultado desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de ingressar no ensino superior e pela conclusão da graduação.

A minha Mãe, Adelaide Maria e meu pai, Benedito Cruz, que não mediram esforços para garantir a seus filhos uma vida digna por meio do conhecimento. Em especial, agradeço à minha irmã Samara Cruz, pela disponibilidade de compartilhar seus conhecimentos e apoio durante minha trajetória acadêmica.

À minha esposa, Gardênia Araújo por todo apoio e compreensão e aos meus filhos, amores da minha vida, Maria Eduarda e Henry Gabriel.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso, pela disponibilidade, orientação, confiança, paciência e compreensão durante os percursos da minha formação. Ao Prof. Dr. Alex Sousa Lima, por ser além de um professor, um amigo que ajudou em alguns momentos de desânimo no qual pensei que não seria possível chegar até esse momento. A todo corpo docente do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, que contribuíram para minha formação.

Por fim, expresso os meus agradecimentos a todos os interlocutores que contribuíram para a construção desse trabalho.

A todos meu muito obrigado!

*“O povo que não conhece a sua história, a sua origem e a sua cultura é
como uma árvore sem raízes”*

Marcus Garvey

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno religioso do terecô em Codó, atentando especificamente a forte atração que exerce em consulentes que buscam a cidade demandando serviços espirituais de matizes. A monografia aborda também aspectos relacionados ao preconceito que atinge religiões de matriz africana na cidade, observada a partir de trabalho de campo. Durante a pesquisa foram coletados testemunhos de passageiros recém-chegados à cidade, que embarcados no meu táxi buscavam terreiros e tendas espíritas de umbanda e Terecô. Também foram coletados testemunhos de colegas de trabalho sobre o mesmo tema. Foi observado na investigação o temor desses interlocutores, simpatizantes das religiões de matriz africana, em revelarem seus destinos. De modo complementar à investigação, foram articuladas entrevistas com representantes de religiões de matriz africana na cidade, operadores, zeladores de santo, quais sejam, Marcelo Senzala, Pedro de Oxum e a Baronesa Janaína do Bitá.

Palavras-chaves. Terecô. Codó. Racismo. Umbanda.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el fenómeno religioso de terecô en Codó, prestando atención específicamente a la fuerte atracción que ejerce sobre los consultores que buscan la ciudad demandando servicios espirituales de varios matices. La monografía también aborda aspectos relacionados con el prejuicio que afecta a las religiones de origen africano en la ciudad, observados a partir del trabajo de campo. Durante la investigación se recogieron testimonios de pasajeros recién llegados a la ciudad, que abordaron mi taxi en busca de los templos y tiendas espiritistas de Umbanda y Terecô. También se recogieron testimonios de compañeros de trabajo sobre el mismo tema. Se observó en la investigación el temor de estos interlocutores, simpatizantes de religiones de origen africano, en revelar sus destinos. Como complemento a la investigación, se articularon entrevistas con representantes de las religiones africanas en la ciudad, operadores, cuidadores de santos, a saber, Marcelo Senzala, Pedro de Oxum y Baronesa Janaína do Bitá.

Palabras-clave. Terecô. Codó. Racism. Umbanda

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A INFLUÊNCIA DA UMBANDA NO TERCÊLO.....	13
2.1 encruzilhada religiosa	13
2.2 A umbanda um conjunto de cultos religiosos.....	14
3 VIAJANTES E SUAS BUSCAS EM CODÓ.....	18
3.1 Passageiros em deslocamentos para os terreiros.....	19
3.2 Encruzilhadas de experiências: o racismo sobre a origem codoense.....	22
3.3.Os relatos de outros taxistas nas rotas dos terreiros	24
3.4 O táxi na rota do terreiro do Bitá	27
4 O HISTÓRICO DOS TERREIROS E REPRESENTATIVIDADE DA UMBANDA: entrevistas com lideranças	30
4.1 Entrevista com o presidente da Federação das Comunidades de Matrizes Africana do Maranhão: Marcelo Senzala	30
4.2 A baronesa do tercêlo.....	33
4.3 O tambor no terreiro do Pedro de Oxum.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

A minha trajetória com a religião de matriz africana iniciou a partir do momento que comecei minha atividade profissional de taxista no ano de 2010, no terminal rodoviário de Codó, cidade conhecida como o berço da encantaria religiosa de matriz africana no Maranhão, situada na região leste do Estado, na rota da MA 026, distante cerca de 300 km da capital, São Luís. O município possui uma área de 4.364,49 km² e população de 123.368 habitantes (estimativas do IBGE, 2021). É relevante ressaltar que Codó ganhou destaque internacional a partir da fama de grandes operadores da religiosidade popular ligados diretamente ao tambor da mata, conectados à antigas práticas de pajelança sincretizadas com crenças de origem Mina-Jeje.¹

A cidade atrai muitos turistas, simpatizantes e seguidores dessa religiosidade, traduzidas através da ideia geral da macumba. Desse modo, trabalhando na condução de viajantes saindo da rodoviária em direção ao centro da cidade e outros bairros, tive muitos contatos com passageiros que eram viajantes/turistas que buscavam os terreiros, tendas e casas de umbanda de Codó.

Nesse contexto, dentro do táxi, no vai e vem entre a rodoviária e o destino dos passageiros, eu encontrava muitos simpatizantes da religiosidade de Codó, oriundos de cidades de todo o Brasil, além de pessoas estrangeiras vindas de Cuba, Espanha, Itália, entre outros países, que vinham em busca de conhecer e obter consultas ou trabalhos com os chefes de tendas da cidade. Pode-se afirmar que a maioria desses turistas vinham a procura do Bita do Barão, mas também havia um percentual significativo que buscava outros pais e mães de santo.

Por vezes, foi perceptível que esses turistas se mostravam receosos quando afirmavam o local que almejavam chegar. Quando fazíamos transporte de mais passageiros ao mesmo tempo, no estilo de lotação, era notório o incômodo de alguns viajantes em revelar seus destinos na frente dos outros que também estavam dentro do carro. Já deparamos com situação de estar com quatro viajantes/passageiros com endereços diferentes e quando eu perguntava os destinos, geralmente alguns se sentiam envergonhados de falar na presença dos outros, e falavam assim: “O sr. pode me deixar por último”. Geralmente tinham respostas evasivas quando eram indagados sobre a localização que pretendiam ficar, falavam que ficariam no centro da cidade. Somente quando se achavam sozinhos no carro com o taxista ficavam à vontade para falar qual era seu destino e o que estavam procurando, queriam chegar a um dos vários terreiros da cidade.

Muitos desses turistas vinham pela primeira vez a Codó. Alguns solicitavam que

¹ Mina-Jeje: cultos voduns ou tambor de mina advindos da África (FERRETI, 2000).

ficasse à disposição no processo de condução dos mesmos pela cidade, passando a ser, diga-se de passagem, um guia turístico. Ao atuar como motorista de táxi e guia, mostrava aos viajantes algumas tendas/terreiros e ouvia sobre suas expectativas em torno da religiosidade local. Falava dos festejos com os turistas ou simpatizantes, mostrando o calendário das atividades das tendas espíritas São Cipriano, São Sebastião, União dos Orixás e Rainha de Iemanjá. Com vínculos/contatos de amizade com os viajantes, vários que retornavam à cidade ligavam com antecedência para conversarmos. Em datas de festejos das tendas, já ligavam para solicitar que aguardasse sua chegada na rodoviária, desta forma, além de passarem a ser clientes, ainda foram se tornando amigos.

Essa breve introdução tem o objetivo de expor um pouco da minha vivência e experiências de contato com religiosidade popular em Codó, expressando detalhes significativos vivenciados no dia a dia do meu trabalho. Durante as viagens notava que o temor dos passageiros não vinha por acaso. Muitos tinham e continuam tendo receio da intolerância religiosa manifestada muitas vezes por meio de discriminação e de agressões.

Com base nas minhas experiências de trabalho e em pesquisa amparada em discussão bibliográfica e entrevistas fui construindo aos poucos as ideias desta monografia. O texto a seguir foi organizado em três capítulos subdivididos em tópicos. O primeiro capítulo inicia-se com uma análise sobre o levantamento inicial da religiosidade do terecô no município de Codó. Destacamos nessa parte aspectos históricos da umbanda e sua chegada nos terreiros locais.

No segundo capítulo inseri uma abordagem sobre o peso do preconceito das religiões católica e evangélica sobre as religiões de matrizes africana mediante entrevista com viajantes/passageiros, taxistas e mototaxistas, companheiros de trabalho, dialogando com autores que estudam o campo da religiosidade. Além disso, também foram descritos e analisados relatos de buscas por trabalhos espirituais em Codó. O terceiro capítulo tem base na entrevista com o presidente da Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão, Marcelo Senzala, seguido dos diálogos com Baronesa Janaína, herdeira espiritual de Bitá do Barão, e pelo Pai de Santo Pedro de Oxum, tudo isso referenciado em questões e diálogos sobre passageiros em viagens à procura dos umbandistas.

Para finalizar esta introdução, apresento algumas questões norteadoras do trabalho: Como foi introduzida a umbanda nas rodas de Terecô em Codó? Qual a origem do Terecô em Codó? Quais marcas de preconceitos mais presentes em Codó? Quais aspectos mais se destacam na atração de consulentes e admiradores dos terreiros da cidade? Para analisar essas problemáticas dialogamos, em termos teóricos, principalmente com os autores (as) Silva (2016), Prandi (2003), Ribeiro (2015), Rohde (2009), Ferretti (2000), Ahlert (2013), lidos e

analisados conjuntamente para pensar as atividades de campo e suas interlocuções, sem, contudo, engessar os diálogos suscitados nas próprias entrevistas e experiências.

Cumprir notar que as bases da investigação também têm lastro nas minhas próprias vivências como taxista, que ao longo dos últimos anos me fizeram testemunhar diversos casos de passageiros (e seus dilemas) na busca e no contato com os umbandistas.

A pesquisa de campo se deu a partir de entrevistas com alguns passageiros dentro do meu táxi, com o propósito de conhecer seus testemunhos e coletar referências para a montagem da análise descritiva que segue. Fizemos diversas saídas em campo com o gravador e a expectativa que os interlocutores permitissem captar suas vozes e testemunhos.

Esta pesquisa, portanto, se deu de maneira, com fontes secundária e primária, realizada em duas etapas: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. O caminho trilhado para a projeção da investigação foi conduzido por algumas técnicas da História Oral, bastante disseminada em pesquisas na área das humanidades. Concordamos com Burger, pois considera-se:

[...] a história de vida e a história oral não são meramente estratégia e técnica de pesquisa, respectivamente, mas modos de se conhecer, entender, compreender os sujeitos e suas as identidades construídas e em construção. São documentos históricos que produzidos por meio da memória podem abrir caminhos para novos estudos sobre a vida cotidiana. (BURGER, et al. 2013)

Nessa mesma perspectiva, também dialogamos, do ponto de vista teórico, com Thompson (1992), que destaca que a história oral se constrói com pinceladas aplicadas pelo entrevistador, que tem o propósito tanto de produzir uma história como de revitalizar os fatos esquecidos. Produzir história de vida com história oral é valorizar detalhes e comportamentos do entrevistado, observando suas palavras, gestual, expressões, tudo pleno de significado.

A missão do historiador é evidenciar as respostas das indagações no decorrer da pesquisa, que parte da temática selecionada. O historiador faz uma viagem ao passado mediante arquivos e pessoas para projetar o modo de vida no passado dos personagens e memórias pesquisadas. Por isso, a história oral deve abranger o planejamento, desde a elaboração das perguntas, locais apropriados para entrevistas e delimitações de tempo ao entrevistado. Além do mais, necessita de transcrição, haja vista, que o entrevistado deve autorizar o uso da gravação. Aos entrevistados devem ser informados sobre o motivo que será registrado sua memória, desse modo, o entrevistador deve se manter passivo no decorrer da entrevista, assim facilitará o escrutínio do vivido.

2. A INFLUÊNCIA DA UMBANDA NO TERCÔ

2.1 Codó: encruzilhada religiosa

Com o aumento da chegada de africanos escravizados no Maranhão a partir de meados do século XVIII, áreas do interior passaram a ser devassadas com mais frequência pelos interesses mercantis da exploração colonial lusitana, forçadamente trazendo homens, mulheres e crianças do outro lado do atlântico para os sertões maranhenses.²

Nesse período, Codó era apenas um povoado, pequeno entreposto no rio Itapecuru, que cresceu em seu índice populacional por ser uma das maiores bases do escravismo na região, produzindo gêneros para exportação, sobretudo, algodão e arroz. A partir dessa época, como forma de manifestar sua cultura e religiosidade, os tambores começaram a ecoar nas matas de Codó, como marcas culturais que atravessaram o tempo e oceano, nutridas em convivência com indígenas e outras populações subalternizadas, vindo a influenciar as práticas religiosas locais até hoje.

Percebe-se essas africanidades também na religiosidade praticada pelos sujeitos, uma vez que Codó reúne vários terreiros que misturam as influências africanas, indígenas e católicas, uma demonstração do caráter não essencialista da formação cultural das práticas religiosas do seu povo, mas uma formação de caráter híbrido visível contemporaneamente. Esse caráter se afirma com as várias manifestações religiosas ali encontradas, como a umbanda, o candomblé, o tambor de mina, o terecô, tambor da mata e mais recentemente a quimbanda (SOUSA 2021, p.160)

A partir do avanço da colonização, várias culturas foram se imbricando, trocando influências tolhida pela violência, sobretudo no caso dos povos de origem africana e indígena, que muitas vezes dividiam os mesmos territórios de subalternidade. Em meio a esses encontros (e desencontros) foram surgindo diversas manifestações culturais que marcaram ao longo do tempo as paisagens sociais maranhenses, cruzando referências de matriz africana, indígena e do catolicismo popular. Uma das mais significativas, nesse sentido, é o famoso *Terecô*. Conforme a autora Marcia Andre Teixeira da Silva (2016), o terecô é uma religião oriunda de Codó, por vezes denominada de *brinquedo de Santa Barbara, Barba Sôera ou tambor da mata*. O Terecô da mata, segundo a autora, surgiu no meio das matas dos cocais por ser área de refúgio de diversas comunidades de matriz africana, que ao longo do tempo sofreram uma grande perseguição

² SOUSA, José Reinaldo Miranda. **Codó**: uma África sertaneja. Outros Tempos, vol. 18, n. 31, 2021, p. 155-172

policial na realização de suas brincadeiras religiosas. Assim, pode-se afirmar que a origem do Terecô teve suas raízes na vivência de escravizados, libertos e quilombolas egressos de grandes fazendas e/ou de áreas de refúgio protegidas pelas matas.

Segundo Silva (2018), ao citar a obra de Ferreti (2001), pode se conceituar a palavra terecô a partir de uma “monopéia” advindo de sons de tambores projetado nos cultos religioso, como também pode ter vindo de expressões como batu teelo ou telekô³ de verbal que significa cantos abençoados aos toques dos tambores. Mesmo com os esforços de estudiosos em definir o terecô, sobressai a ideia, inclusive entre os próprios operadores do culto, que o terecô é mistério, que não há uma definição exata.

É importante destacar que no passado o Terecô era praticado no povoado do Santo Antônio dos Pretos, bastante perseguido por forças policiais no passado. Pelo fato de os negros serem perseguidos pelas autoridades locais por conta de suas práticas religiosas, foi na zona rural onde se estabeleceu uma maior resistência das manifestações religiosas de herança africana, como nos pontua (OLVEIRA, et al. 2018)

A mata era o centro de encantaria, um lugar que também era utilizado pelos Pais e Mães de Santos para a projeção de seus rituais religiosos. Contudo, com o crescimento da cidade, vários zeladores, Pais e Mães de Santo passaram a habitar e também a fazer seus trabalhos no perímetro urbano, possibilitando o contato com referências religiosas que advieram de outras partes do Brasil, que cruzaram os caminhos sincréticos das manifestações religiosas contemporâneas de matriz africana locais. Esse é o caso da Umbanda.

2.2 A umbanda um conjunto de cultos religiosos

Marcia Andreia Teixeira da Silva (2016), afirma que a umbanda passou a substituir a nomenclatura “macumba” ao longo do século XX. Segundo a autora, se pensava “macumba” como um conjunto composto por vários cultos sincréticos praticados no Brasil. Tais cultos sincréticos, em geral, estavam entremeados entre catolicismo, espiritismo e candomblé.

Reginaldo Prandi (2003) já apontava numa direção semelhante, indicando em seu estudo um breve histórico da umbanda no Brasil.

Um outro ramo afro-brasileiro, a umbanda, formada no século XX, no Sudeste, é igualmente problemática quando se trata de quantificar seus seguidores. Ela é uma síntese do antigo candomblé da Bahia, que foi

³ Batu teelo ou telekô deverbal”: “Expressões utilizadas para se referir ao terecô. Assim, “teeleko significa louvar os tambores”. (SOUSA 2022)

transplantado para o Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX, com o espiritismo kardecista, chegado da França no final do século XIX. No início a nova religião se denominou espiritismo de umbanda, mais tarde, umbanda. Não é incomum, ainda atualmente, os umbandistas se chamarem de espíritas. E também de católicos. O próprio catolicismo, durante anos e anos de propaganda contra a umbanda, a chamava de baixo espiritismo, para diferenciá-la do espiritismo kardecista, que combatia com o mesmo zelo. A umbanda conservou do candomblé o sincretismo católico: mais que isto, assimilou preces, devoções e valores católicos que não fazem parte do universo do candomblé. Na sua constituição interna, a umbanda é muito mais sincrética que o candomblé. (PRANDI, 2003, p.17)

Ainda nesse contexto, o autor aponta que a umbanda no decorrer do tempo veio a influenciar terreiros em diversas partes do Brasil. Conseqüentemente, não tardou até essa influência chegar em Codó, sobretudo com o crescimento urbano e a migração de zeladores, pais e mães desSanto na cidade. Atualmente, operadores do Terecô da mata são influenciados pela umbanda e fazem suas obrigações respeitando suas normas, fazendo caridades, recebendo consulentes sem cobrar valores, as vezes pedindo apenas um agrado, ou cobrando de início somente a consulta, fazendo os trabalhos espirituais dos mais necessitados.

Entre as iniciadoras dos cultos umbandistas em Codó, uma das mães de santo mais lembradas é Maria Piauí. Segundo Martina Ahlert, dialogando com outros autores, Maria Piauí nasceu no estado que lhe emprestou seu apelido e sobrenome, chegou no Maranhão, precisamente na cidade de Codó e iniciou seus trabalhos nos anos da década de 1930.

Estima-se que a umbanda foi introduzida em Codó na década de 1930, com a chegada de Maria Piauí – ou Maria Carinhosa (Ferretti, M., 2001; Barros, S., 2000) – mãe de santo que fundou a Tenda Espírita de Umbanda Santo Antônio, localizada à beira da linha de trem que a trouxe de Teresina para Codó. Segundo Iracema, filha de criação de Maria Piauí e atual chefe de sua tenda, a mãe de santo chegou à cidade a convite de um amigo e pai de santo local, seu Eusébio Jansen. A partir de sua chegada, muitos terecozeiros passaram a utilizar a palavra umbanda para descrever também as suas tendas, ainda que tocassem o tambor da Mata. Autores como M. Ferretti (2001a, 2003) e Araújo (2008) acreditam que a incorporação da umbanda pelos terecozeiros foi uma estratégia diante da perseguição policial, efetivada de forma mais intensa sobre o terecô. Enquanto viva, a fama da mãe de santo tornou a cidade de Codó conhecida dentro e fora do Maranhão. (BARROS, S., 2000; FERRETI, M., 2001; AHLERT; 2013 p. 21-22)

Esse é apenas um exemplo, entre outros, que mostra a cidade de Codó como alvo de fluxos de pessoas ligadas à política em busca dos trabalhos espirituais para impulsionar as mesmas a ganharem seus cargos pleiteados nas eleições, inclusive, movimentando a economia da cidade.

Codó, por conta da fama de seus pais e mães de santo, passou a figurar como uma cidade muito visitada por turistas nacionais e estrangeiros, como fotógrafos, pesquisadores e admiradores da religiosidade afro-brasileiras. Os turistas ao chegarem na cidade vindo pela primeira vez, chegam a se surpreender pela grande quantidade de terreiros que existem na cidade.

A cidade está localizada a 17 Km da BR 316, que atravessa o território do povoado intitulado simplesmente de Km 17. Nessa localidade, existe um ponto de ônibus onde desembarcam passageiros de diversas regiões do país. Para embarque e desembarque dos viajantes, os que vem com destino a Codó buscam condução nos táxis, também denominados localmente como carros de lotações.

O passageiro ao fretar o taxi paga atualmente em torno de R\$ 50,00 a R\$ 60,00 para seguir sozinho com o motorista, já em lotação paga entre R\$ 15,00 a R\$ 20,00. Alguns desses passageiros vem em busca dos diversos terreiros da cidade, e encontram nos motoristas dos táxis guias na busca de seus destinos.

Os viajantes muitas vezes vêm em busca de trabalhos espirituais e consultas com os famosos operadores de religiões de matriz africana na cidade, e encontram nos taxistas trabalhando no Km 17 seus primeiros guias para chegarem aos seus destinos. Muitos chegam sem muita informação sobre como chegar até o centro da cidade, buscando informações para melhor se orientar em suas buscas.

Sabe-se que a existência de um grande número de casas de culto de matriz africana é a chave da atração de tantas pessoas. A concentração de religiosos ligados à umbanda em Codó se destaca bastante. Muitos visitantes vêm em busca de figuras conhecidas, como era o caso do Mestre Bitá do Barão. Segundo levantamento feito pela Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão em 2015, existem na cidade diversos terreiros com calendário festivo anual, seguidos de quartos de reza, além de inúmeros rezadores e rezadeiras que não tem local de atendimento fixo.

Em 25 junho de 2022 estive na sede da Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão, que fica situada no endereço: Rua Porfilio Santos, A/Especial nº 193, Bairro São Francisco-Codó MA. Entretanto, conforme eu já tinha solicitado em data anterior os dados quantitativos de terreiros, o Sr. Marcelo Senzala me passou os dados no ofício 358/2022 com informativo detalhado sobre o quantitativo dos terreiros. Os números podem ser vistos no quadro que segue, divididos por bairro:

Quantitativos de terreiros na zona urbana:		
Bairro São Francisco	17	Terreiros
Bairro São Pedro	12	Terreiros
Bairro Codó novo	34	Terreiros
Bairro Santo Antônio	08	Terreiros
Bairro Santa Filomena	12	Terreiros
Bairro São Raimundo	14	Terreiros
Bairro centro	01	Terreiros
Quartos improvisados de rezas/consultas zona urbana:		
Bairro São Francisco	18	Quartos de rezas
Bairro São Pedro	10	Quartos de rezas
Bairro Codó novo	56	Quartos de rezas
Bairro Santo Antônio	14	Quartos de rezas
Bairro Santa Filomena	27	Quartos de rezas
Bairro São Raimundo	23	Quartos de rezas
Quantidades de rezadores zona urbana:		
Bairro São Francisco	24	Rezadores
Bairro São Pedro	05	Rezadores
Bairro Codó novo	186	Rezadores
Bairro Santo Antônio	48	Rezadores
Bairro Santa Filomena	25	Rezadores
Bairro São Raimundo	34	Rezadores

Fonte: Marcelo Senzala⁴

Segundo levantamento, feito em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, somente na zona urbana, os terreiros, tendas, quartos de reza e consulta, somados alcançam o número de 246, espalhados entre os bairros da cidade, que conta ainda com cerca de 322 rezadores e rezadeiras. Chama atenção a concentração de pessoas envolvidas com a umbanda no Bairro Codó Novo, área menos urbanizada da cidade e que concentra populações mais pobres. Além dessa referência, pode-se dizer que terreiros e tendas estão espalhados por toda Codó, resistindo ao preconceito e às violências físicas e simbólicas.

⁴ Presidente da Federação das Comunidades de Matriz Africana do Maranhão, 2015

3. VIAJANTES E SUAS BUSCAS EM CODÓ

Partindo da premissa de Ribeiro (2015), considera-se que as marcas construídas no processo histórico de exclusão de populações africanas e indígenas se projetam não somente nos terreiros codoenses, mas também na disposição dos marcos urbanos da cidade. Logo, na entrada da cidade existe a frase: Codó “cidade de Deus”, também presente na barreira da linha férrea ao lado do viaduto Adoaldo Gomes, construído pelo ex-prefeito Biné Figueiredo no período de 2005 a 2009, como forma de tentar enfraquecer ou escamotear a marca de Codó como terra da macumba ou da encantaria.

De acordo com a autora, foi José Rolim Filho e os vereadores Max Tony e Gracinaldo, os idealizadores da demarcação do espaço com a frase na entrada da cidade e ao lado do viaduto que já fica no centro da cidade.

Ao adentrar na cidade logo se percebe a frase com marcas que caracterizam o preconceito religioso no portal da entrada da cidade. Marca essa, que aponta o preconceito diante do reconhecimento da cidade ter seu mérito no sentido de condecoração, mundialmente como “terra do terecô/macumba”. Dessa forma, pode-se afirmar que lideranças políticas, talvez com o propósito de apontar que a religiosidade de matriz africana não pertencente a Deus, se utilizam da política local para apontar/demarcar exclusivamente que “Deus” só existe entre a religião protestante e católica.

É importante salientar que a abordagem silenciadora que recobre as manifestações religiosas de matriz africana vai além dos marcos do espaço urbano. Outra faceta bastante pronunciada do problema aparece no cotidiano de muitos codoenses que saem da cidade. Segundo Jéssica (2015), lendo Mundicarmo Ferreti (2001), populações de outras cidades apelidam os codoenses ao se depararem com os mesmos em viagens a passeio ou em busca de trabalhos como “macumbeiros”.

Cumprе sublinhar que isto não é dito numa perspectiva positiva, elogiosa, mas como uma forma depreciativa de tratamento. Codoenses, nesse sentido, são vistos de maneira jocosa como feiticeiros, pessoas potencialmente perigosas. Nesse contexto a autora aponta que:

Dessa maneira, a construção de Codó como terra do “feitiço” e da “macumba” não foi aleatória, a documentação pesquisada, mostra que está associada a um conflito de concepções. Os cristãos passaram a combater tal expressão da cidade, o que de alguma forma, acabou dando mais ênfase aquilo que se contrapunha. Da análise de Pontes, percebemos que a construção de Codó como “terra da macumba”, ou seja, essa maneira de qualificar a cidade por meio de um estigma, que não escolheu outra forma de expressão, visto que não

é conhecida como “terra do terecô” ou “terra da umbanda”, ou algo neste sentido, mas “**macumba**”, isso demonstra que é uma maneira de deslegitimar as práticas afro-brasileiras. (RIBEIRO 2015 p.41)

É importante ressaltar que o peso do preconceito sobre o afrodescendente está conectado ao passado de exclusão que veio influenciar fortemente ao meio social no Brasil. Partindo desse ponto, o reflexo de um olhar preconceituoso construído no passado sobre os africanos desconsidera/exclui cultos africanos como religiões legítimas.

Segundo Pereira (2019), as frases espalhadas na cidade, denotando sua pertença a “Deus”, vieram com a intenção de expurgar o que seria o seu contrário, “o Diabo”, ligado, seguindo tal perspectiva, às religiões de matrizes africanas, não inclusas no templo divino dos cultos legítimos. Trata-se de uma tentativa de “civilizar” a imagem projetada de Codó Brasil afora, cidade que não mais deveria ser lembrada por suas manifestações “bárbaras”, em grande medida disseminadas entre as populações negras, e sim como cidade de “Deus”, ordeira e polida.

É um jogo político, no qual as peças estão sempre se movendo, procurando se estabelecer, e criar uma normativa única para a cidade, numa clara afronta à laicidade do Estado. Com o novo portal, o grupo político quis imprimir um “novo olhar” à cidade, tentando desvinculá-la das suas origens negras e vinculá-la a uma construção simbólica de progresso, aliado a “Deus” e não ao “diabo”, mantendo a velha dicotomia entre o bem e o mal; religião de Deus e do diabo etc. (PEREIRA 2019 p. 173)

Nesse sentido, os preconceitos conectados com ações políticas se mobilizam para projetar e imprimir um rotulo que simbolizasse Codó como Terra de Jesus/ Cidade de Deus e não mais como terra da macumba, como é conhecida.

3.1 Passageiros em deslocamentos para os terreiros

Após fazer alguns apontamentos e leituras críticas sobre o contexto religioso da cidade, com breves reflexões sobre sua história, vamos passar a inserir na discussão experiências vivenciadas sobre a chegada de viajantes em Codó, proposta central desta monografia.

Em 02 de março de 2022, eu estava na rodoviária com o meu táxi a espera de passageiros. Quando de repente me aparece uma mulher acompanhada de três pessoas. Ela me abordou se identificando como Erlane, a mesma foi falando que precisava fretar um taxi para levar e trazer eles, entre Codó e a cidade de Pedreiras, Maranhão.

Por volta das 09hs:30 da manhã, após acertarmos os preços do frete, embarquei os quatro passageiros. Nesse primeiro momento, a mulher contou que o motivo da ida deles à cidade de Pedreiras era a busca de falar com uma dona de terreiro que recebe a entidade *José Tarô de Aguiar*, haja vista, que segundo ela as pessoas que estavam em sua companhia eram para Zé Tarô fazer uma consulta e se possível fazer o tratamento da mulher, no qual precisava muito de ajuda. Erlane ainda afirmava que a mulher que estava em sua companhia já tinha passado em diversos médicos e não tinha descoberto seu problema de saúde.

Dessa forma, já em deslocamento na MA-026 no percurso entre Codó e o km 17, eu perguntei a mulher que tinha me contratado para fazer a viagem por que eles não procuravam um terreiro em Codó para resolver os problemas dessas pessoas que estavam com ela. Ela respondeu explicando que somente a entidade “*Zé Tarô*” poderia curá-los. Ela afirmou que o encantado denominado de Zé Tarô não descia mais nos terreiros/tendas de Codó, e que a pessoa que recebe a entidade mora em Pedreiras.

Segundo Erlane, Zé Tarô descia antes no terreiro de “*Dusanto*”, Pai de Santo falecido em 2018, que tinha uma tenda de umbanda na travessa Rio Grande do Norte em Codó. No trajeto ao chegarmos no Km 17, a pedido dos viajantes, fizemos uma breve parada para eles tomarem café. No mesmo momento aproveitei para fazer um abastecimento no veículo. Em seguida pegamos a BR 316 no sentido a Pedreiras - MA.

Assim, a mesma foi me relatando um pouco de suas particularidades no contexto religioso, especialmente quando ela percebeu que eu tinha conhecimentos sobre os terreiros e de vários chefes de tendas da cidade. Do mesmo modo, no avanço de nossas conversas percebi que ela poderia ser do meio da umbanda, pois a mesma se utilizava de linguagens dos chefes dos terreiros. No decorrer de nossa conversa, perguntei se ela era Mãe de Santo. Ela rapidamente me indagou, “*como você sabe que sou Mãe de Santo*”? Respondi que identifiquei pela forma que ela se expressava, com linguagens de pessoas conectadas a umbanda.

Conforme a conversa fluía, ela foi ganhando confiança para falar um pouco de sua religiosidade. Já chegando na cidade de Peritoró - MA, a passageira Erlane iniciou uma conversa falando que era filha de Santo do Dusanto, mais em consequência do falecimento do mesmo em 2018, ela ainda estava de luto, pois o luto seria sete anos e nesse período a entidade não descia nela. Ainda afirmou que nesse intervalo que estivesse de luto não recebia o encantado e se recebesse, não teria força nenhuma para conduzir trabalhos. Entretanto, foi o motivo dela se deslocar com esse pessoal para fazer os trabalhos dos mesmos com a Sra. Rosinalva, Mãe de Santo de Pedreiras, pois de fato ela era a pessoa que recebia a entidade do Zé Tarô.

Por conseguinte, a passageira Erlane apontou que as três pessoas que a acompanhavam

eram da cidade de Bragança, do estado do Pará, e seu papel era fazer os trabalhos dessas pessoas remetendo-as ao terreiro de Rosinalva, em Pedreiras.

Em seguimento no trajeto, a passageira foi me falando um pouco de como teria sido sua introdução na religião de matriz africana. A mesma falou que esteve no salão de Dusanto em 2012, após já ter andado em alguns terreiros e não ter resolvido seu problema. Segundo ela, esse Pai de Santo libertou ela de muitos problemas. A vista disso, passou a frequentar a tenda espírita de Dusanto vindo a não perder mais nenhum festejo.

Ainda nesse contexto, ela afirmou que sua preparação por Dusanto foi no povoado *Deusqué*, município de Codó, segundo ela o salão do terecô era nesse povoado, donde foi realizado toda a sua preparação como filha de santo.

Estávamos nos aproximando da cidade de Peritoró, ao chegarmos fiz a segunda parada na rodoviária dessa cidade para comprar uma água, logo seguimos a viagem de destino. Assim, a passageira continuou contando seu histórico de Mãe de Santo, falou que também tinha um salão de terecô na cidade que reside; Bragança- Pará. Seguimos em frente nossa viagem, após viajarmos 103 km de Codó a Pedreiras, adentramos na cidade em busca de realizar os trabalhos da passageira. Chegamos na casa de Rosinalva e dona Belinha, a umbandista que a passageira veio para fazer os trabalhos com a entidade Zé Tarô.

Rosinalva e dona Belinha são primas, esta morava ao lado da casa da umbandista, e estava como uma espécie de ajudante. Ao chegarmos, fomos todos convidados para entrar, depois de alguns minutos a passageira Erlane foi chamada pela dona Belinha para entrar no quarto improvisado na segunda sala. Pois seu Zé Tarô já se encontrava no aparelho⁵ humano de Rosinalva – as aspas denotam palavras utilizadas pela interlocutora. Desse modo, todos que vieram foram atendidos. Às 18:10 pegamos a estrada de volta para a cidade de Codó.

Portanto, diante do que pude filtrar do histórico dessa passageira, partindo de minha experiência, percebi que ela era uma atravessadora de pessoas que buscavam trabalhos espirituais. Recebe os pedidos dos trabalhos na sua tenda de umbanda no Pará, e depois encaminha seus consulentes até Codó e região para fazer os tratamentos. Entretanto, a mesma faz o deslocamento dessas pessoas, vindo fazer trabalhos encomendados dos que a procuravam para serem realizados nos terreiros/ tendas de Codó, especificamente no terreiro do pai de santo “Dusanto”, conforme a mesma me relatou acima, que recebia um encantado específico.

Com o passar dos anos, esse Pai de Santo que era a central/base de apoio para ela realizar seus trabalhos em Codó, veio a falecer. Assim, ela passou a frequentar o terreiro de

⁵ Aparelho: Designa a pessoa que serve de suporte para a “descida” do orixá ou da entidade do médium. https://wiki.deldebbio.com.br/index.php?title=Dicion%C3%A1rio_de_Umbanda

dona Rosinalva. Haja vista, que em Codó ela não conhecia nenhum umbandista que recebia a entidade do Zé Tarô. No entanto, com o propósito de realizar os trabalhos das pessoas que colocavam em suas mãos para resolver os anseios desses clientes, se deslocava para a casa de dona Rosinalva na cidade de Pedreiras Maranhão.

3.2 Encruzilhadas de experiências: o racismo sobre a origem codoense

Codó – MA, 13 de abril de 2022 (quarta-feira)

Nesse vai e vem do táxi em busca de passageiros, acabei encontrando a passageira Carmen Celia Brandão, 33 anos de idade. Ela está cursando o quinto período do curso de Pedagogia pela UFMA, e é residente no residencial São Pedro.

A mesma desembarcou no terminal rodoviário por volta das 16:40 minutos se aproximando do final de tarde do ônibus Gabriel Turismo. Eu como taxista fui contratado para fazer o deslocamento da mesma da rodoviária para a sua casa que fica no residencial São Pedro. Assim, o distanciamento do ponto de desembarque para seu endereço fica em torno de 8 km.

Nesse trajeto, tivemos de início uma breve conversa, que depois se transformou em uma pequena entrevista. A passageira comentou comigo que estava vindo de Guarda dos Ferreiros – estado de Minas Gerais. A mesma me falou que tinha ido pelo início do mês de março de 2022, para passar uns 15 dias com seu esposo. Haja vista, que seu companheiro atualmente trabalha e mora em Guarda dos Ferreiros-MG.

A passageira Carmen, disposta a conversar tocou em um assunto que me chamou atenção, nos seus relatos ela falava que por ser negra e usar cabelo trançado ao chegar na cidade Guarda dos Ferreiros, passou por diversas situações desconfortáveis, vítima de vários comportamentos racista de pessoas dessa cidade. A mesma afirmou que estava a passeio, e que tudo isso vinha das pessoas mais próximas de sua casa em Minas Gerais, pessoas essas que conheciam ela e seu companheiro e sabiam que eram da cidade de Codó.

Assim, ela ainda apontou que conheceu pessoas de Codó que também viajaram para Guarda dos Ferreiros, e estes ao chegarem, quando indagadas sobre suas cidades de origem falam que não são de Codó, respondem afirmando que são de Caxias, Peritoró ou Coroatá, com receio de sofrerem preconceito, se obrigam a negar suas cidades e origem. Entretanto, Carmen relata que jamais negou sua cidade de origem.

Diante de sua fala, me apresentei a ela e expliquei que estava em processo de construção de minha monografia para a conclusão do curso de Ciências Humanas/História pela UFMA, com o tema de religião de matriz africana. Conforme informei que sua fala era de

grande relevância para a construção desse projeto, ela me permitiu que a entrevistasse. Desse modo, iniciei a entrevista com a passageira da seguinte forma:

E: Carmen você poderia me falar detalhes sobre como é a visão das pessoas da cidade de Guarda dos Ferreiros sobre Codó, você poderia me falar um pouco?

C: Olha, a imagem que essas pessoas têm quando eles percebem que a pessoa é de Codó, eles têm preconceito com a gente, a gente é tratada com racismo em questão da religião sabe, eles já pensam que a gente é “macumbeira”, que a pessoa vai colocar sapo na barriga, que a gente vive disso aqui em Codó. Então, muitos codoenses quando chegam lá em Minas Gerais e em outras cidades também, eles não falam que é daqui de Codó, eles dizem que é de outra cidade, fala que é de Peritoró, São Mateus, menos de Codó, porque eles já têm medo de represália, tipo, de ser excluído do mercado de trabalho por ser daqui de Codó, entende, e essas pessoas elas não têm força suficiente. Ô, vamos até falar a questão do conhecimento para elas defenderem suas raízes, entretanto, elas preferem negar, porque as pessoas colocam tantas ideias na mente delas que é feio, que é desumano, que é isso, que é aquilo... E não conseguem respeitar a religião do próximo e isso acaba afetando a saída dos codoenses que sai daqui em busca de uma vida melhor em outros lugares. Eu particularmente, no segundo dia que eu fui com meu esposo no supermercado eu me senti constrangida pela forma que aquelas pessoas me olhavam, até brinquei com ele: Nossa estou sofrendo bullying no supermercado. Como assim? Todo mundo fica me olhando!

E: Eles perguntaram de onde você era?

C: Perguntou! Porque nessa cidade já faz um bom tempo que ele está lá, e eles o conhecem e perguntou de onde que eu era. Então, essas pessoas, por eu estar com ele, sabiam que eu era sua esposa. Então, como eu uso tranças, né, eu uso dreads, então eles já associam que a pessoa por usar dreads, por eu ser negra, (automaticamente) seguidora da religião ou feiticeira, então eu percebi isso. Assim, quando eu entrei no supermercado eu fiquei em situação de choque pela forma que as pessoas me olhavam, que não consegui escolher nada para levar para casa, enfim, não consegui fazer as compras. Pois os amigos do meu esposo com suas esposas ficaram me olhando, às vezes me encaravam mesmo, as vezes você olha, a pessoa tira a vista, mesmo assim, a pessoa continuava olhando como se tu fosse, algo assim inexplicável, é isso, a sensação que você tem, é horrível! Horrível! Isso eu posso garantir.

E: O seu esposo, ele conversa contigo algo relacionado a isso, por exemplo: Carmen, as pessoas por eu ser de Codó, acham que sou feiticeiro, ele já chegou te falou algo com você que também é classificado de macumbeiro?

C: Ele nem tanto, por causa da cor, ele é branco, então, um, ou outro, brinca com ele, mas nem tanto. O problema realmente que eles encaram mais eu, por ser negra. Eles já acham que o negro é macumbeiro, é isso.

3.3 Os relatos de outros taxistas nas rotas dos terreiros

Neste tópico vou continuar projetando a fala de fontes orais, agora contando com relatos de colegas do mundo do trabalho do transporte em Codó, também presentes no movimento de condução dos turistas que apreciam os trabalhos nos terreiros desta cidade em busca de conhecer os rituais do Terecô da mata/umbanda.

Assim, no terminal rodoviário de Codó fiz entrevistas com taxistas e mototaxistas. Partindo desse ponto, mediante o testemunho de pessoas que trabalham no transporte de passageiros do terminal rodoviário de Codó, iremos perceber o impacto do preconceito direcionado para o povo de origem dessa cidade.

Em 18 de fevereiro de 2022 saí cedo de casa com o destino do terminal rodoviário para entrevistar dois taxistas e um mototaxista, ambos com vastas experiências na condução de passageiros e turistas que sempre estão visitando Codó.

O motivo de minha saída cedo de casa foi visando encontrar os alvos de minha entrevista ainda nos seus postos de trabalho, assim como também fazer a entrevista antes de começar os fluxos de ônibus e vans fazendo os desembarques e embarques de passageiros na plataforma da rodoviária.

Nesse sentido, idealizei as perguntas para entrevistá-los da seguinte forma; a primeira foi no sentido de saber se havia uma diferença de comportamentos dos turistas que vem em busca de conhecer os donos de terreiros de umbanda com os demais turistas que vem no propósito de resolver outros assuntos não relacionado à religiosidade de matriz africana. A segunda pergunta direcionei no propósito de saber como ou quem seriam os pais e mães de santo e os trabalhos buscados.

O primeiro a ser entrevistado foi o mototaxista James Ferreira Silva, 37 anos de idade, que exerce a profissão de mototaxista no terminal rodoviário de Codó desde 2008. Perguntei a ele se ao deparar com turistas a procura de conhecer terreiros de umbanda/terecô da mata, se percebe alguma diferença dos demais?

Assim, ele respondeu:

Às vezes uns chegam vão direto no assunto, outros não, chegam ficam por longe sozinhos e colocam arroteio, as vezes já chegam junto na gente e procuram por Pai de Santo, outros não, já tem um modo diferente, fica recuado, entendeu. Às vezes a gente aborda para fazer a pergunta aí eles abrem o assunto com a gente, entendeu? Aí a gente conversa, aí a gente leva o passageiro no destino certo deles que é um Pai de Santo⁶.

⁶ O itálico vem no propósito de destacar a fala dos interlocutores.

Indaguei James se esses turistas chegavam a comentar com ele sobre quem o informou a cidade ou o pai de santo que estão à procura.

James: Sim! Tem uns que chegam perguntam se conheço algum Pai de Santo que seja o melhor da cidade, outros não, já vem informado sabe, alguns deles falam que Codó é muito falado na região que eles moram e sempre queriam vim, outros falam que foi alguém que já andou aqui e o informou, outros me falam que se informaram foi pela internet sobre Codó, como “terra da macumba.

Direcionei as mesmas perguntas para o taxista Francisco Carlos Alvino Rodrigues, idade 39 anos, o mesmo trabalha desde 2002 na função de taxista. Ele respondeu:

Há uma grande diferença de clientes que conduzimos que vem para resolver algum negócio, como ir em banco, ou algum representante de empresa, pois eles chegam direto ao assunto, assim, rapaz tem como você deixar nós na loja x ou no hotel y. Já as pessoas que vem geralmente procurar trabalhos de umbandas, eles chegam com arroudeio, eles descem a gente oferece nosso produto que é o taxi eles dizem: agora não; vou no banheiro primeiro, depois tomar uma água ou um café, até conhecer melhor com quem ele vai argumentar ou relatar o fato que ele está procurando umbandista.

Eu retomo a fala, e o pergunto novamente se esses simpatizantes da religião quando vem à cidade comentam algo com ele, falando de quem informou a cidade para eles ou até mesmo o pai de santo? Francisco Rodrigues me respondeu que:

É quando eles chegam a abrir o jogo com a gente sobre isso, eles geralmente falam que buscaram informações sobre a cidade na internet, sobre Codó a cidade da macumba e tem vários terreiros, aí eles procuram para a gente o melhor para fazer o serviço, o homem ou a mulher nos terreiros de umbanda, porque o serviço é para o problema x; qual deles é melhor para resolver logo o problema, eles sempre falam para a gente que buscam se informar na internet. Ainda falam que lá fora o povo tem Codó como a cidade da feitiçaria.

Como o mesmo roteiro de perguntas seguiu a minha terceira entrevista, realizada com o taxista Vagner Bastos de Jesus, 42 anos de idade, segundo ele, que está na função desde 2008.

Vagner afirmou que Sim! Há uma diferença de comportamentos sim, uns fica um pouco desconfiado e inquieto depois vão no banheiro, as vezes toma um café, para relaxar um pouco, aí depois que vão puxar assunto sobre os melhores pais e mães de santo de Codó, perguntam se realmente o Bita do Barão era o melhor da cidade!

Na sequência, respondendo à pergunta sobre como os passageiros sabiam sobre a fama de Codó, afirmou:

Tem alguns que comentam outros não, já outros falam que ficaram sabendo

da fama do Bitá, outros vem informados por algumas pessoas que já andaram aqui, outros vem para Codó aleatório sem saber quem são os terecozeiros, vem em busca de alguém, que sabe indicar um chefe de terreiro do tambor da mata para o mesmo fazer uma consulta ou trabalho.

Ainda nesse contexto, diante dos blocos de entrevistas acima, pode se perceber que os passageiros sempre buscavam informações através das redes sociais mediante pesquisa, ou com pessoas que já tinham frequentado os terreiros umbandistas codoenses. Vem em busca de trabalhos de cura, para resolver questões amorosas, para pedir ajuda com problemas financeiros, dentre outros temas, recorrendo aos chefes dos terreiros da cidade e suas entidades para tentar dissolver pendências e, como é comum dizer, “abrir caminhos”.

A busca por melhorias e curas, no entanto, ao contrário do que se possa pensar, não torna a imagem de Codó positiva. Os trabalhos espirituais, mesmo largamente buscados, ainda são vistos como algo condenável, desviado dos caminhos dos desígnios de Deus, revelando uma longa cadeia de preconceitos e racismo ligada às religiões de matriz africana.⁷

Para além dos que são diretamente ligados aos terreiros, os codoenses que sempre migram em busca de empregos para outras regiões são classificados como feiticeiros. Também é possível perceber que os entrevistados explanam que os turistas seguidores do terecô da mata/umbanda, são receosos em afirmar seus destinos, desse modo, pode se interpretar que eles carregam consigo as marcas de preconceitos construídas no passado tendo como alvo principal as religiões de matriz africana.

Nesse sentido, Ribeiro (2015) aponta destaques importantes:

Dessa maneira, enfatiza-se que o que se pretende analisando o discurso da estereotipa que recai sobre a cidade é por buscar entender como ela ficou conhecida, quais forças de saber-poder conseguiram construir essa “fala arrogante” de caracterizá-la sob o signo da macumba. Logo, entende-se estereótipo não é como uma mentira, mas uma construção social, e assim, a partir desta concepção, pode-se refletir. (RIBEIRO 2015, p.15)

Como adendo, o taxista James no término da entrevista acrescentou que em 2018 viajou para o estado de Mato Grosso, cidade Nova Mutum, para trabalhar em uma empresa x na colheita de algodão, que segundo ele é realizada no período de junho a dezembro, do mesmo modo, ele apontou que nos primeiros dias sofreu muitos preconceitos ao falar que era da cidade de Codó, o mesmo foi alvo de gozação para os demais colegas que conviviam no

⁷ RIBEIRO, Jessica Cristina Aguiar. o perigo de uma história única: a “invenção” de codó- ma como terra da macumba (1950 A 190) - São Luís – MA, 2015. p.148

mesmo alojamento da empresa responsável pela colheita de algodão.

James afirmou, ainda, que teve um dos colegas de trabalho que pediu para se retirar do alojamento que ele estava por ser evangélico e não queria dividir o mesmo espaço com ele, pois pensou que o James era feiticeiro por ser codoense. Do mesmo modo, nas rodas de conversas com o nome dele ser sempre substituído por terecozeiro, macumbeiro e feiticeiro. Nesse sentido, James me disse que quando iniciava uma conversa com os demais funcionários sempre aparecia um outro para “alertar” quem estava conversando como ele ter cuidado, pois James era de Codó e teria aprendido a macumba do Bitá do Barão.

O taxista Vagner Bastos também concluiu a entrevista acrescentando que já transportou no seu táxi diversos passageiros que vem em busca de consultas ou trabalhos com chefe de tendas do terecô da mata de Codó. Conseqüentemente, ele apontou que ao conversar com esses simpatizantes da religião de matriz africana, percebeu que os deslocamentos dessas pessoas/passageiros de suas cidades eram sigilosas, que nas suas saídas para Codó diziam aos familiares e amigos que iam viajar para outra cidade, no sentido de não gerar falácias/rumores entre familiares e vizinhos sobre a hipotética possibilidade de irem para Codó para mandar fazer macumba ou enfeitiçar alguém.

Assim, nesse sentido, ele ainda afirma que no vai e vem do táxi com esses passageiros, se deparou algumas vezes com eles recebendo ligações dos seus familiares, amigos/vizinhos, e ao serem indagados pela pessoa do outro lado da linha perguntando para onde estão viajando, falavam que estavam em Teresina ou em São Luís.

Portanto, diante dessas referências coletadas através de entrevistas se percebe a grave *pecha* negativa que existe sobre Codó e seus habitantes, com viajantes e simpatizantes da umbanda chegando a negar que estão a passeio por Codó. Já os codoenses em viagens a trabalho pelo Brasil afora, negando sua cidade de origem para não serem perseguidos ou segregados como supostos feiticeiros.

3.4 O táxi na rota do terreiro do *Bitá*

A trajetória de José Wilson Nonato da Silva (Bitá do Barão) dentro da religiosidade, no cenário cultural codoense foi de grande magnitude para o desenvolvimento cultural e econômico da cidade. É importante ressaltar que a força do trabalho do mestre Bitá do Barão prestado aos simpatizantes da religião, tanto em pessoas de classes média do meio social, como lideranças políticas de todas as regiões do Brasil, foi de grande relevância no processo de até mesmo fomentar a economia local, por meio dos grandes festejos de sua casa. Segundo Ribeiro:

Em Codó a política de incentivos ao turismo se dá por meio dos festejos religiosos, visto que pessoas de vários lugares visitam Codó por conta desses festejos, Bitá do Barão em depoimento deu indícios que quando abriu seu terreiro na cidade em 1954 o fez por já não haver mais “tanta perseguição e na verdade uma política de valorização dos festejos dos povos de terreiros. (RIBEIRO 2015, p.46)

Em período de festejos é notório perceber a cidade bastante movimentada e o grande fluxo de carros circulando nas vias de trânsito em toda cidade, como hotéis e pousadas cheias. Nas idas e vindas no meu táxi pelas ruas e avenidas de Codó, em época de festejo, embarquei um passageiro no táxi, que de fato, me chamou atenção, lembro muito bem a forma que ele me abordou ao descer do expresso Guanabara por volta das 09hs:45 minutos da manhã. O mesmo desceu e partiu em minha direção ao me chamar em conversa particular, perguntou se eu conhecia “o Cara” do Sarney. Confesso que no primeiro momento fiquei “aéreo” sem saber do que se tratava, mas ele insistiu e entendi que “o Cara” era o “Bitá do Barão”. Ele me perguntou: “você conhece e sabe onde ele mora? Porque estou vindo do DF e preciso muito fazer uma consulta com o “chefão”.

Importante salientar que realmente existia uma ligação bastante conhecida entre o Mestre Bitá e políticos, sobretudo os da família Sarney. Ou seja, a referência do passageiro não era fortuita ou fantasiosa. Ele queria chegar até o Bitá munido, talvez, de informações sobre o sucesso de algum trabalho feito a políticos de Brasília. Sobre o alcance da fama do pai de santo entre políticos, nos informa Ribeiro:

Bitá do Barão é o mais afamado pai de santo de Codó, talvez a divulgação de sua imagem associada aos Sarney's seja pelo fato de reconhecida a Comenda por José Sarney e, também porque Bitá do Barão nunca ter negado que tanto Roseana como José Sarney frequentam seu terreiro, não obstante nunca ter revelado que tipo de trabalhos já fez a eles. (RIBEIRO 2015, p.86)

Ao embarcar o passageiro no taxi para lhe conduzir no endereço solicitado, nesse percurso que leva aproximadamente 4 minutos com distância entre 2 a 3 km, da rodoviária ao mercado central, ponto este que fica localizada a loja e consultório do mestre Bitá do Barão, em uma rápida conversa que tivemos neste percurso, ele me informou que era assessor de um parlamentar e estava vindo de Brasília para falar com o Bitá. Desse modo, ele pergunta se a “casa do Barão era muito frequentada por políticos”, o respondi que sim... mas geralmente quando inicia as campanhas políticas.

Segundo o turista, o Bitá era “o Cara” porque o que se fala em Brasília é que o Bitá do Barão que conduziu o José Sarney à presidência da república. Em período de campanhas

quando o grande chefe da encantaria era vivo, ao passarmos pelo centro, especificamente no mercado central, era notório os grandes números de veículos com adesivos de candidatos nos para-brisas traseiros desses carros encostados no hotel, defronte ao consultório e loja do comendador “Bita do Barão”, que vendia remédios e incensos para seus clientes.

4. O HISTORICO DE TERREIROS E REPRESENTATIVIDADE DA UMBANDA: entrevistas com lideranças

4.1 Entrevista com o presidente da Federação das Comunidades de Matrizes Africana do Maranhão: Marcelo Senzala.

No dia 29 de junho de 2022 estive na instituição federativa dos cultos africanizados do Maranhão para conhecer um pouco da história e de como ela atua em defesa dos operadores dessa religiosidade, assim, o presidente Sr. Marcelo Senzala, foi quem me recepcionou muito bem a partir de alguns questionamentos mediante a entrevista. Utilizei um questionário de perguntas como meio de obter as respostas:

E: Marcelo, você como presidente da Federação das Comunidades de Matriz Africanas do Maranhão, poderia nos falar um pouco do processo histórico na fundação dessa Federação ?

M: Esequias, foi um momento ímpar, um momento histórico na população de Codó. Os pais, as mães de santo nunca tinham recebido realmente recursos direto para ter que se custear os seus festejos e as rezas. E aí, justamente com o decreto federal criado no segundo mandato do Presidente Lula, o qual se dá o nome de Plano Nacional de Matriz Africana. O quê que é esse Plano Nacional de Matriz Africana? É um pacote com uma série de medidas voltados para a população de umbanda do Brasil. Dentro desse próprio pacote, foi criado realmente a lei de incentivo aos povos de matriz africanas com o recurso oriundo de 1,5% da Petrobras. Esse recurso foi-se criado como fundo nacional, da mesma forma que tem o FUNDEB o Fundo Nacional da Educação, tem o Fundo Nacional para a saúde e foi-se criado o Fundo Nacional dos Povos de Matriz Africana, aonde é realmente, uma verba, que é passada uma vez no ano para essas despesas religiosas e além de outros eventos que venha potencializar as políticas públicas de combate à intolerância religiosa. Então foi justamente daí que nasceu a Federação como uma ponte de apoio, entre os poderes públicos do Estado e do Governo Federal, passando ser uma instituição que tem voz e vez perante a sua classe. Esequias foi interessante seu questionamento, porque foi realmente uma luta enorme para chegarmos onde estamos hoje. No qual foi a União dos Pais e Mães de santo, Filhos e Filhas de santo, a população de Matrizes Africanas do município. As pessoas estavam cansadas da humilhação, de bater na porta de empresários, vereadores e políticos.

Portanto, hoje todos os terreiros vinculados à nossa Federação, eles recebem realmente uma vez no ano um auxílio no valor de R\$18.000,00. E eu quero realmente deixar aqui muito bem claro que foi um sonho realizado, até porque, quem recebia esse recurso era o Mestre Bitá do Barão. E aí com a vinda da Federação, começou a estar pensando nesse papel na parte de captar recursos. Então foi um momento realmente bom para a população de matriz africana de Codó.

E: Como é essa relação da Federação com os membros da religiosidade de matriz

africana?

M: Bom, Esequias, a Federação é uma extensão dos terreiros, ou seja, aqui é a segunda casa deles, lá no terreiro é a primeira casa e aqui é a segunda casa. Com o passar do tempo, a própria Federação foi se expandindo, não ficou só na parte de capitar realmente recursos. Ela se tornou um grande ponto de apoio, começando a ter advogados, médicos, que vinham para dar consulta na sede, começamos a trazer muitos cursos de capacitação para a juventude, aí ela foi se tornando realmente um grande órgão de apoio, passando por alguns retrocessos dentro do mandato de Jair Bolsonaro, aonde ficamos sem recursos, todos os repasses para a população nacional vieram a sofrer cortes. Mas estamos aí, sobrevivendo.

Entretanto, respondendo especificamente à sua pergunta, como eu já falei anteriormente, aqui é a segunda casa da população de matrizes africanas, é um lugar que eles se sentem à vontade para realmente sentar, estar conversando, fazer realmente reivindicações e achar realmente meios viáveis para resolver todos os problemas.

E: Marcelo, na Federação das Comunidades de Matriz Africana, como é o processo de representação dos terreiros?

M: Esequias, essa representatividade ela é realmente oriunda do art. 55 incisos 4 (não fez referência de qual documento específico). Qualquer membro de qualquer terreiro vinculado, tem que manter em dia suas obrigações como sócio, participar efetivamente das assembleias e estar realmente alinhado com o estatuto da Federação das Comunidades de Matriz Africana e caso ele não venha estar cumprindo esses pontos ele é realmente penalizado com as penas regentes do art. 27 inciso 1, ou seja, ele tem o seu poder de fala, de veto, desde que eles estejam em dias com as suas obrigações de associados junto a esse órgão que os representa.

E: Marcelo, conta um pouco para nós como é sua trajetória à frente dessa instituição federativa de matriz africana do Maranhão?

M: Bom, meu início, dá no candomblé de Ketu, origem e descendência da atual cidade do Benin na África, o qual eu sou iniciado, preparado, catulado, boleado, a minha Digna é Marcelo de Ogum⁸, sou filho da já renomada e única jarroça de candomblé do município de Codó, através da yalorixá⁹ Deusa de Odé, da Ilê axé de Oxóssi¹⁰ e Oxum¹¹, manifestação africana, foi lá que eu dei início até para me assumir essa grande missão, essa grande responsabilidade, eu tive que me preparar, me preparei com o aval na mente de Deus, do meu pai Oxóssi, o Odepoquemaiô, Okê Caboclo e do meu pai Ogum, dono da minha cabeça, então foi uma missão que para mim aceitar, a minha ancestralidade disse que eu tinha que me preparar, foi feito os jogos de búzios

⁸ “Ogum: É um vodum loá e orixá do ferro, guerra, agricultura, caminhos, caça, tecnologia e protetor de artesãos e ferreiros. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro, CASTRO 2001.

⁹ Ialorixá: Em geral são chamados “mãe” ou “pai-de-santo”. Para ocupar este cargo, a pessoa precisa ter sido destinada a isso. Este é um cargo dado pelo Orixá que está determinado no próprio odu da pessoa. ROCHA 2000.

¹⁰ Oxóssi: É um orixá de contemplação, amante das artes e das coisas belas. É o caçador de axé, aquele que busca as coisas boas para um ilé, aquele que caça as boas influências e as energias positivas. BATISTA 2017.

¹¹ Oxum: um orixá que reina sobre as águas doces, considerada a senhora da beleza, da fertilidade, do dinheiro e da sensibilidade. FERREIRA, A. B. H. 1986. ”

africanos e aí eu passei pelo meu procedimento para mim hoje estar à frente há mais de uma década da Federação de matriz africana do Maranhão.

E: Falando de religiosidade, como você diferencia a pajelança entre tambor da mata e umbanda?

M: Bom, Esequias, sua fala é muito rica novamente eu quero lhe dar parabéns em nome da federação, pela temática escolhida para a construção de sua monografia. Respondendo sua pergunta no tocante as diferenças; aponto a pajelança que é a mistura de indígenas, preto velho, enfim, é realmente artigos e artefatos certo, e a umbanda ela é realmente uma religião criada em 1952 por Zélio Fernandino de Moraes, ou seja, a umbanda é uma religião genuinamente brasileira, então ela é uma religião variante que realmente mistura o catecismo, a mesa branca, passando por pontos diferenciados da pajelança que ela é voltada mais para essas questões indígenas já das matas, assim como existe a diferença também do candomblé que é uma religião trazida da África, já pelos escravos. Então, existe essa diferença, essas vertentes. E aí, Esequias, assim como tem o terecô que é uma outra vertente, aí as pessoas confundem muito a umbanda, o espiritismo, a pajelança, o candomblé e o terecô com os seus elementos próprios. O terecô é uma religiosidade genuína de Codó, com fundamentos totalmente diferenciados de umbanda espiritismo, pajelança e candomblé.

E: Presidente Marcelo, só para concluir o nosso questionário, como você analisa o preconceito no cenário religioso codoense?

M: Esequias, infelizmente o preconceito e a intolerância religiosa está, em todas as camadas da sociedade, especificamente no município de Codó, com o aumento das igrejas evangélicas, de certa forma, realmente oprimem a população de matriz africana. Uma outra questão forte e que influência muito é o poder financeiro, o poder aquisitivo, que de certa forma é a moda do mundo: o capitalismo, e o capitalismo Esequias, ele está muito forte dentro de qualquer, realmente, religião, a partir do momento que uma religião tem o poder aquisitivo maior, ela consegue se sobressair. O exemplo maior é o Bitá do Barão, como ele tinha um poder aquisitivo muito grande, ele conseguia se sobressair, sabe, conseguia até mais visibilidade, mais mídia, até em cima das religiões de matrizes africanas mesmo, dos outros pais e mães de santo que eram um pouco mais humildes, assim com as igrejas evangélicas, igrejas católicas, é dessa forma, o poder aquisitivo ele influência muito dentro do município de Codó. Geograficamente, com o passar dos tempos, o distanciamento dos terreiros de Umbanda, muitos já foram se mudando para os guetos, morros, aí eu falo, aonde está o poder aquisitivo, quem tem dinheiro, chegava lá colocava um determinado preço. E foi realmente um plano e aí muitos pais e mães de santo que foram realmente vendendo algum espaço que eles tinham aqui mais próximo do centro, existia a necessidade financeira, quem tem as suas igrejas evangélicas, quem tem as suas igrejas católicas, que estão mais no centro, eles realmente não vendem o espaço deles no centro pra ir para um bairro no gueto, então geograficamente, existe realmente esse distanciamento dos espaços de matriz africanas mais próximo do centro e foram realmente se afastando pros guetos, para as periferias.

4.2 A baronesa do terecô

Em 23 de março de 2022, ainda cumprindo a missão da pesquisa de campo me direcionei para a loja rainha de Iemanjá, para fazer uma entrevista com Janaína Nonato de Sousa, (Baronesa), 43 anos de idade, herdeira espiritual do comendador mestre Bitá do Barão, falecido em 2019.

Havia o propósito de conhecer um pouco do histórico de seu terreiro, assim como também sua introdução nas correntes espirituais do seu professor e pai Bitá do Barão, além de saber também sobre sua visão da intolerância religiosa que ainda permeia o cenário religioso codoense. Desse modo assim, ao chegar na loja, conheci o Sr. Fernandes, mas conhecido como Bozó, uma figura fundamental em fazer a ponte de acesso a Baronesa.

Ao conversar com o mesmo sobre a pesquisa, ele me acompanhou até a residência de Janaína, que fica bem próximo da loja, após chegarmos “Bozó” comunicou a mesma sobre a entrevista que eu almejava com ela para trabalho acadêmico. Após alguns minutos esperando, a chefe da encantaria veio falar comigo, muito bem-educada e sempre com o sorriso estampado no rosto, me autorizou a fazer a entrevista conforme citado acima. Partindo desse ponto, iniciei a entrevista indagando um pouco sobre sua trajetória na umbanda.

E: Dona Baronesa, eu queria iniciar falando um pouco da religião de matrizes africanas. Como a senhora poderia contar um pouco a história do início desse terreiro?

J: Olha, o terreiro na verdade foi fundado pelo meu pai, em 1967 e hoje eu estou à frente porque meu pai já vai fazer 3 anos que faleceu e continuo com a casa. Antes da fundação, não era aqui, tinha outros lugares aonde ele fazia os trabalhos, aonde ele desenvolveu, que é o (povoado) Santo Antônio dos Pretos. E depois foi que veio para nossa residência aonde foi legalizado, aonde fundou a nossa tenda espírita de umbanda Rainha Iemanjá.

E: Pensando em quem está querendo estudar a religiosidade de matrizes africanas, quais as diferenças e aproximações entre o terecô, a umbanda e o espiritismo?

J: Olha, a umbanda é uma religião e o terecô ele é dentro da umbanda. Nós temos o terecô porque nós simulamos o toque do tambor, certo? Com o nosso ritmo que é o ritmo da mata codoense, com a dança que são os filhos de santo, onde ali desenvolvem o seu guia, seu encantado e os batuques que são os nossos atabaques e é isso que nós conhecemos como terecô. E terecô na verdade, foi dado também o nome porque a umbanda além de ser uma religião, nós temos a nossa mãe que é matriarca que é Santa Bárbara, a mãe da umbanda ficou conhecido como terra de barbaçuera, barbaçuera que é conhecido, o terecô foi onde deu-se o nome de terecô, por conta dos tambores, por conta das danças, dessa cultura dentro da religião.

E: Dentro dos altos conhecimentos que tinha seu pai, ele poderia ser considerado o seu

maior professor, não é?

J: Sim, claro.

E: Você poderia falar um pouco sobre a trajetória do “mestre Bita do Barão” e a relação dele com a umbanda?

J: Ah, meu pai nasceu na umbanda, se criou e morreu dentro da umbanda e ele na verdade, quando era pequeno sua mãe muito católica dona Olivia que é minha avó, ela teve meu pai e aos 5 anos de idade ele começou aparecendo algo estranho, diferente nele. Até então, ninguém sabia o quê que era, a mãe o levou aos padres, aí não resolveu. Levou alguns benzedores inclusive à terra de Nazaré do Bruno, onde era a residência do rezador mais conhecido desse período, que seria seu Zé Bruno. E quando chegou lá neste benzedor, que também, já faleceu, ele disse que este menino, que era o meu pai, o “mestre Bita” não tinha como dar um jeito no problema dele, porque era algo que tinha nele de nascença e ali era um mistério que ninguém poderia desvendar. Aí foi então, as coisas foram passando, e, na verdade o nome dele de batismo é Wilson Nonato de Sousa, e ele muito danado, muito traquino, as pessoas diziam que quem era danado tinha o apelido de bode que é de “Bita”, que é conhecido como bode, que é o bode que pulava para lá e para cá, aí ficou conhecido como “Bita” até então, o seu guia chefe da casa até hoje, se manifestou e quando os meninos estavam com ele jogando, brincando e tudo, perguntava a ele: quem é? Ele dizia: o Bita. Aí em outra hora perguntava: quem era? Ai ele já estava incorporado: era o Barão. Portanto, ficou conhecido como “Bita do Barão”, por esse motivo das duas diferenças que, uma hora ele estava em si e em outra hora incorporado. Passou um tempo e com uma certa idade, ele ficou conhecido porque ali ele botava a mão nas pessoas, na cabeça, na barriga e quando ele benzia começou curando as pessoas. Depois, é, ele viu que ele precisava de um lugar para desenvolver, foi quando ele conheceu o povoado Santo Antônio dos Preto e lá ele encontrou várias pessoas que acolheram para que ele pudesse fazer os trabalhos porque na época era proibido, era tudo muito difícil, a polícia não podiam bater numa lata que já estava prendendo, já estava achando que era coisa de outro mundo, porque a umbanda ainda não era uma religião. Dessa forma, ele começou batendo tambor que foi quando começou o terecô, o toque do tambor, as danças, todo aquele ritual e começou o terecô. Depois com o passar tempo, passou a ser uma coisa mais liberta, as pessoas foram começando a conhecer e ter a credibilidade. Ele foi começando a ter credibilidade, foi conhecendo pessoas da alta sociedade e foi se entrosando. Foi quando ele veio para a cidade, começou fazendo os tambores e ali a religião surgiu: umbanda. Aí foi quando foi legalizado, foi quando foi fundada a nossa casa e deu-se, é, o nome de tenda espírita de umbanda rainha Iemanjá.

E: Em relação à morte do seu pai, antes da partida dele, como foi esse processo de transição de conhecimento no contexto religioso espiritual?

J: Na verdade, meu pai já vinha me preparando. Porque desde que eu nasci, ele já tinha feito um preparo. Eu sou filha de Iemanjá com Iansã e ao nascer ele já me entregou nas águas para que Iemanjá fosse realmente dona de

mim, da minha pessoa. Então, assim, já tenho um preparo que já vinha de berço, e quando ele faleceu ele simplesmente chamou toda a casa eles já sabiam que essa coroa, este legado seria para a filha.

E: Na encantaria, você recebe as mesmas entidades que o “mestre Bitá” recebia?

J: Alguns sim! Até porque tudo é um processo lento. Não é tão rápido e nem assim também, eu não posso dizer a você que recebo todos. Alguns se manifestam, até porque nós temos um tempo e a casa ela abriu no ano passado, mas, agora este ano é que vai ser realmente todas as correntes, o festejo tradicional que é onde nós vamos fazer todas as correntes, o festejo tradicional que é onde nós vamos fazer todas as puxadas e tudo vai ser este ano que ainda não tinha acontecido e essa questão dos encantados, não sou eu que decido, são eles. Essa manifestação é cada um, eles que vê o merecimento da gente, como é que é, e como que não é. Então uma coisa que eu não posso nem te dizer, sei que tem alguns que passam, tem os meus, mas se Deus quiser, espero que todos venham.

E: “Bitá do Barão”, por ele ser o chefe do tambor da mata, chefe aqui de Codó, do terecô. Ele deixou muitos filhos de santo na cidade, não só na cidade como fora também. Qual sua relação com esses filhos de santos deixados pelo “mestre Bitá”?

J: Eu tenho um bom relacionamento com os terreiros, alguns que saíram, que não estão mais que decidiram tocar sua vida. Até porque, cada um tem o livre arbítrio, não é? De cuidar do que quer e a gente também não prende. Então é uma escolha de cada um. Aqueles que vêm me procurar, a gente conversa e tudo fica bem, mas existe sim pessoas que se afastam isso aí é natural não só na umbanda como em qualquer religião.

E: Como você ver o preconceito sobre a religião de matriz africana nos terreiros de Codó?

J: Eu posso até te dizer que ainda existe, porque o preconceito religioso muitas das pessoas às vezes não aceitam, né? Você vê a sociedade ela em si hoje, os artistas, cantores, a maioria deles têm um “guru” e esse “guru” eles são vistos por trás das câmeras ou mesmo são revelados depois que a pessoa morre, você vai saber quem é, quem não é. Então assim, eu acredito que hoje já está menos, já foi bem maior, mas hoje já não está tão, tanto quanto antes. Agora, ainda existe porque tem pessoas que não gostam de dizer que frequentam um terreiro, acham que é macumba, acham, acham que é feitiçaria, nunca levam para o lado bom da história porque além de ter esse lado que realmente existe, o lado da feitiçaria, da pajelança de tudo, mas também tem aquele lado da caridade, o lado da espiritualidade que ajuda as pessoas carente que faz o bem. Mas como um todo, nós sabemos que qualquer lugar você sempre tem estes dois lados: bom e ruim. Então é impossível a gente até analisar que não tenha preconceito, ainda existe sim.

E: O ex-prefeito de Codó, José Rolim Filho, colocou no portal da cidade e na barreira da linha férrea ao lado do viaduto Adoaldo Gomes a mensagem, Codó cidade de Deus. Qual sua visão sobre a frase nesse aspecto de cenário religioso?

J: Eu acredito que ali o que ele quis colocar, eu acho que foi mais uma filosofia dele por conta que, toda cidade é de Deus, porque tudo que vêm para a gente é mandado por Deus e nós estamos aqui porque nós estamos por intermédio dele. Seja Codó, seja Estados Unidos aonde estiver acontecendo, em qualquer lugar, Deus sempre quer o melhor e tudo aqui nós temos que dizer e agradecer a ele, então ele é o pai e é o dono de tudo.

Pode ser, que a questão do ex-prefeito Zito Rolim, de colocar a frase “Codó cidade Deus”, talvez seja uma forma de chamar atenção por conta dele, ser muito católico, alguma coisa, para mostrar que não tenha outro tipo de religião. Mas Codó na realidade, tem um nome muito grande que eu digo até conhecido nacionalmente e internacionalmente por conta do meu pai. Nós temos mais de 400 terreiros e quando se fala de terreiros, se você for sair fora do Brasil, em qualquer lugar o pessoal diz assim: ah Codó é a terra da macumba, ou então do terreiro, porque tem muitos terreiros. Essa referência que talvez, não sei o porquê, incomodou e talvez ele quis tirar alguma coisa. Entretanto, eu sempre digo que, não estou falando mal de jeito nenhum do Sr. Zito, pois, eu gosto muito dele, tenho um bom relacionamento com a sua pessoa, tenho um grande respeito por Zito, mas acredito que ele quis chamar a atenção para que o alvo seria os evangélicos no sentido de agradar alguém. Mas o que a gente vê é que todo lugar é de Deus, Deus está na casa de todos: do evangélico, do católico, do umbandista, em todo lugar. Depende de como você aceita e como você pratica, faz caridade, o bem. Aquilo que você faz, você colhe!

E: Porque foi uma construção simbólica, não é? “Codó, terra da macumba” esse nome foi construído aos poucos desde do início da fundação desta cidade, não é mesmo Baronesa?

J: Na verdade, essa frase “Codó terra da macumba”, ela não foi colocada, ela já foi uma coisa que você pode ter de certeza porque, é a referência dos terreiros, porque Codó realmente tem muitos terreiros. Então por este fato, e por ser conhecido pelo meu pai, Codó é uma referência, então, não foi nada inventado, é uma coisa real. Já o ex- prefeito Zito Rolim, colocou uma coisa querendo cobrir outra, que na verdade é uma escolha dele, ele era prefeito na época, ele tinha o direito de botar e tirar o que ele quisesse. Mas que, eu acho que isso aí não ia interferir, porque mesmo “terra da macumba” não quer dizer que não é terra de Deus, é terra de Deus do mesmo jeito. Agora, cada um pratica e faz a sua religião de acordo com a escolha de cada um, porque o caminho é um só, agora todo mundo tem direito de escolher e fazer o que quiser e ir para onde quiser.

E: Então só para concluir, como ficou o calendário de festejos? Você irá continuar com a missão de “Bitá do Barão”, em sair com passeatas pela cidade?

J: Sim. O nosso calendário, o nosso tradicional festejo é em agosto e vamos fazer como eu acabei de falar, o nosso festejo tradicional em agosto. A data ela não é uma data fixa porque ela varia muito no calendário. Mas sempre no mês de agosto.

4.3 O tambor no terreiro do Pedro do Oxum

Codó-MA, 16 de maio de 2018, por volta das 15:44 minutos, cumprindo mais uma meta

de pesquisa de campo, registro minha saída em campo para entrevistar o Pai de Panto Pedro do Oxum, pois de fato, em um outro momento Pedro já tinha me autorizado trabalhar essa pesquisa usando o seu terreiro como base na coleta de informações, sobre o tambor da mata e umbanda. Assim, foi projetado um bloco com 7 perguntas, no sentido de colher informações sobre a origem do seu terreiro, como também sua visão diante do racismo sobre as pessoas ligadas e simpatizantes da Umbanda.

Um outro fator indagado tratou da influência da umbanda sobre o tambor da mata em Codó. Dessa forma, cheguei na residência do mesmo às 16hs:08 minutos no qual logo veio me receber pedindo que aguardasse um instante. Nesse intervalo de tempo que eu aguardava pude observar no seu terreiro muitas plantas medicinais: comigo-ninguém- pode, romã, camomila, babosa, boldo, hortelã. E cadeiras organizadas na sala de espera, vindo a caracterizar um terreiro bastante frequentado por simpatizante da religiosidade.

O mesmo apareceu muito arrumado, em uma vestimenta apropriada para atender seus clientes e receber as entidades de Chica Baiana e Maria Padilha, seu vestido aparentava ser um tecido de seda com estampas coloridas. No mesmo momento me convidou para adentrar em seu consultório, local esse, que é exclusivo para atendimento de seus clientes e simpatizantes dos cultos africanizados. Assim, ao entrar avistei no chão, bastante velas acesas formando o desenho de uma estrela. Na mesa próximo de sua cadeira havia muitas imagens de santos, como São Jorge, São Lázaro, Cosme e Damião, Nossa senhora de Aparecida, pretos velhos entre outros. Dei início a entrevista da seguinte forma:

E: Pedro você poderia falar para nós o nome da sua tenda?

P: É a união dos filhos da casa dos orixás

E: Há quanto tempo ela foi fundada?

P: Olha, aqui nós iniciamos tem 30 anos.

E: Sempre foi nesse endereço?

P: Não. Antes era na avenida 1º de maio, aí depois eu mudei, tive que me mudar de Codó. Aí mudei, deixei as coisas na casa de um filho de santo meu, aí no meu retorno para Codó, aí foi tempo que minha mãe já estava morando nessa casa, aí eu trouxe a tenda para cá e só aqui nesse endereço ela já tem uns 15 anos.

E: Você poderia falar para nós, qual a origem do terecô em Codó?

P: Olha, a origem do terecô em Codó, começou naquela região do Santo Antônio dos Pretos, certo? Eu digo que o terecô é uma religião afro-codoense, e foi uma junção dos escravos com os índios, aí foi que surgiu o

terecô, e o ritmo que é chamado; tambor da mata codoense.

E: Quando e por que a umbanda entrou nas rodas do terecô?

P: Olha, a umbanda entrou nas rodas do terecô quando Maria Piauú chegou à Codó, sabe? Porque ela não era codoense ela era, se não me engano, de Picos no Piauí e ela veio para Codó e o terecô era proibido na nossa cidade na época da minha bisavó com o meu avô. Então eles dançavam terecô na mata ali de frente onde hoje é construída a Universidade Federal. Tem uma lagoa ali por trás que é chamada: a lagoa do pajeleiro e lá que era realizado a festa tocando os tambores, entende? Eles saíam da cidade, por medo de perseguição policial e iam pelas varedas para tocar tambor nessa lagoa, porque o tambor era proibido. E, se eu não me engano, em 1935 por aí, compreende? Foi quando, Maria Piauú trouxe a umbanda pra Codó e diz os relatos, que ela foi a primeira conselheira espiritual do político Getúlio Vargas.

E: Você fala aqui que, o terecô nesse período, ele era proibido. Mas, quem proibia o terecô?

P: Era a polícia, inclusive o tenente Vitorino veio de São Luís com um vagão cheio de polícias, disse, que para prender todos os negros e chicotear com um cipó de tamarindo para acabar com o terecô dentro da região do Santo Antônio dos Pretos.

E: Como você enxerga a relação entre o terecô e as outras religiões na cidade?

P: Ainda há um certo tipo de preconceito, a gente não diz nem tanto hoje pela igreja católica, mas sim, pelos pentecostais que são de quem a gente recebe as maiores intolerâncias religiosas. Inclusive em Codó no ano 2006, o saudoso Dom Reinaldo que era o bispo da diocese na época fez uma romaria em Codó, chamada “a romaria da terra” e o tema era: terra e água, um clamor de justiça e ele se reuniu com vários pais de santos da cidade para uma reunião, porque ele queria um culto ecumênico e ele queria que a celebração começasse com o ritual do terecô, porque ele disse que era o respeito à religião da cidade. Então, ele não poderia fazer uma romaria da magnitude que ia ter em Codó, se não tivesse a participação do povo de matrizes africanas.

E: Qual o histórico da fundação de sua tenda, você poderia falar para nós?

P: Olha, essa casa foi fundada por Dona Chica Baiana, acho que pela necessidade que ela via em atender seus clientes, não é? E receber pessoas necessitadas, receber seus filhos. E na época eu vivia muito na casa da saudosa Antônia Olinda de Almeida, que era a Antoninha que foi minha primeira irmã de santo, ela foi feita preparada pelo meu avô Gili, e... Dona Chica Baiana achou a necessidade em abrir um espaço para que ela pudesse atender quem precisassem de suas ajudas.

E: Você recebe só a Chica Baiana?

P: Não. Eu recebo Dona Chica e Maria Padilha, recebo Seu Zé Pelintra, tem Dona

Leolisa que passa também e tem outras entidades.

E: Você enxerga preconceito em relação à religiosidade afro em Codó?

P: Sim, há sim. Há ainda um pouco de preconceito, né? Porque o povo diz assim: Ah Codó, terra da macumba! Terra do terecô! E o povo acha que aqui a religiosidade é só para fazer o mal, para praticar o mal, não. A religião é um espaço de acolhimento, de caridade e de humildade. Então, aqui nós recebemos pessoas necessitadas para fazer o bem, não para fazer o mal.

E: Quais são as principais entidades e encantados que você trabalha?

P: Olha, a casa é de Dona Chica Baiana entendeu? Ela está aqui todas as segundas e sextas, fazendo a seção, atendendo os clientes. Nós também temos Dona Maria Padilha, tem seu Zé Pelintra que as vezes vêm para trabalhar. Mas a casa é de Dona Chica Baiana.

E: Poderia falar para nós de como foi sua introdução na religião?

P: Olha, diz o relato de Dona Chica Baiana e de minha mãe que quando eu vim ao mundo em 1978, tive o prazer, digo assim o prazer de ser recebido por duas entidades, foi Seu Coli Maneiro Lima em cima de uma senhora chamada Zé Lina que era filha de santo do meu avô, que eu chamava ela de mãe. Também já falecida e Dona Chica Baiana que hoje incorpora em mim, que é minha mãe. Eu com 7 anos de idade, Dona Chica me preparou para o santo, me deixando a missão de assumir o lugar do meu avô, assim, quando partisse que eu tomasse conta do que era dela.

E: Como foi essa transição espiritual, você recebeu Chica Baiana de imediato?

P: Não, quando eu nasci quem me recebeu no mundo das entidades foi um incorporado no meu avô e outro na filha de santo dele. Seu Coli Maneiro Lima incorporado na filha de santo dele e Dona Chica Baiana incorporado no meu avô que fizeram o parto da minha mãe. Aí, eu com 7 anos de idade, meu avô me recolheu para poder me preparar para o santo à mando de Dona Chica Baiana, porque quando ele chegasse a falecer eu que ia tomar conta do que era dela.

E: A partir de que período você passou a receber a entidade Maria Padilha?

P: Dona Maria Padilha surgiu na minha vida mais ou menos em 1990, até então era Dona Chica Baiana que sempre comandou a casa e resolveu tudo desde 1990, aí Dona Maria Padilha surgiu na casa e está na casa até hoje, e sempre no dia 20 até o dia 25 de agosto. A gente faz uma farra para ela com muita comida muita bebida, todo mundo tocando o tambor e dançando, uma farra muito bonita.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse em construir a monografia com a temática envolvendo a religião de matriz africana se iniciou a partir da simpatia de estudar história, ventilando a ideia por passageiros como também por pessoas mais próximas. Há 4 anos atrás fiz um guia de duas passageiras mulheres que chegaram na rodoviária em veículo particular em busca de informações do endereço do terreiro do pai de santo já falecido, Aluízio.

As mesmas abordaram-me perguntando se poderia auxiliá-las a chegarem no endereço do pai de santo citado acima. Confirmamos que sim, e assim no percurso conforme elas perguntando sobre a cidade e quantitativos de terreiros, ao respondermos os questionamentos, uma delas falou “porque você não se forma em História, você conhece muitos terreiros aqui na cidade”. A outra companheira dela falou que eu deveria buscar uma formação na área de guia turístico.

Partindo desse ponto, surgiu a ideia e oportunidade de ingressar na UFMA, no curso de Licenciatura em Ciências Humana com habilitação em História. E a partir do 4º período nas aulas do professor Alexandre sobre o processo de condução de africanos para o Maranhão, pela companhia Grão Pará e Maranhão passei a entender a formação da cultura africanizada em Codó. E como também o interesse de investigar mais profundo sobre os cultos e os preconceitos apontados para umbandistas.

Portanto, a construção desse trabalho juntamente com o orientador foi idealizada para projetar a problemática como ponto central sobre o deslocamento dos africanos para trabalho forçado nas fazendas de algodão de Codó, porém, após conversarmos no decorrer das orientações, depois de expor meu contato próximo tanto com passageiros como dono de terreiros, decidimos seguir uma outra rota de mais fácil acesso a chegada do resultado da pesquisa. Assim, trouxemos para esse trabalho os meus relatos e vivências, e também entrevistas com passageiros e colegas de trabalho, vindo a conectar com a fala desses interlocutores, fundamentais para a elaboração da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Martina. **Cidade relicário**: Uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). 2013.282 f. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2013.
- ARAÚJO, Luís Eduardo Cardoso. **Construção das narrativas Indígenas Codoenses**: Uma leitura a partir das interações missionárias no Maranhão colonial – 2019.p.48
- BARROS, Sullivan Charles. **as entidades ‘brasileiras’ da umbanda e as faces inconfessas do Brasil**– Natal- RN, jul/2013, p.16
- BURGER, Ednéia Regina, VITURI, Renee Coura Ivo. **metodologia de pesquisa em ciências**
- FERRETI, Mundicarmo. **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados – Pallas, Rio de Janeiro, 2011, p.384
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Encantaria de “Barba Soeira”**: Codó, capital da magia negra? - São Luís: CMF, 2000, 191p.
- GOMES, Flavio Gomes. **Religiões negras no Brasil**: da escravidão á pós-emancipação – São Paulo, 2016, p. 384
- _____. **Humanas e socias**: história de vida como estratégia e história oral como técnica – algumas reflexões. São Paulo – SP, out/2013, p.14
- JÚNIOR, Hélcio Fernandes Barbosa. HAERTER, Leandro. BUSSOLETTI, Denise Marcos. A representatividade negra nos tambores da Umbanda. **Identidade**, São Leopoldo/ RS, v.18, n.2, p.152-159, jul/dez.2013.
- OLIVEIRA, Benvindo de, SILVA, Marcio Douglas Carvalho e. **O Terecô na Comunidade Santo Antônio dos Pretos (Codó-MA)**: pertencimento religioso e resistência
- OLIVEIRA, Maria Rita de Cassia. Mironga: **Extermínio, estado e diversidade dos povos de terreiros na construção da democracia nos anos 60/70 no RN**. In: 29ª reunião brasileira de antropologia, 29, 2014, Natal-RN. Anais.... Natal//RN: Diálogos antropólogos expandindo fronteiras. 2014.
- PEREIRA, Ilka Cristina Diniz. **pelas mãos de mãe nilza**: mulheres negras e religião em Codó-MA – Niterói- RJ, 2019. p. 233
- PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras e seus seguidores** – Porto Alegre, jun/2003, p. 32
- RIBEIRO, Jessica Cristina Aguiar. **o perigo de uma história única**: a “invenção” de codó-ma como terra da macumba (1950 A 190) - São Luís – MA, 2015. p.148
- RIBEIRO, Maria Therezinha Janine Ribeiro, FENELON, Dea Ribeiro. **Forma e significado na História Oral***. **A pesquisa como um experimento em igualdade**. São Paulo, fev/1997, p. 18
- ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma religião que não nasceu: breve considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. **Estudo da Religião**, Salvador-BA, v. 1, n 2, p. 77-96, mar. 2009.

SILVA, Marcia Andreia Teixeira da. **memória e umbanda**: uma análise da trajetória de José Cupertino em São Luís, São Luís – MA, 2016, 140 p.

SILVA, Maria Antonia Castro da. **a diversidade religiosa no município de Codó**: O caso do bairro São Francisco – Codó- MA, 2019. p. 46

SOUSA, José Reinaldo Miranda. Codó: uma África sertaneja. **Outros Tempos**, vol. 18, n. 31, 2021, p. 155-172

FONTES ORAIS:

OXUM, Pedro. Relato oral feito em 16/05/2018

RODRIGUES, Francisco Carlos Alvino. Relato oral feito em 18/02/2022 SILVA, James Ferreira. Relato oral feito em 18/02/2022

JESUS, Vagner Bastos de. Relato oral feito em 18/02/2022 ERLANI. Relato oral feito em 02/03/2022

SOUSA, Janaína Nonato de. Relato oral feito em 23/03/2022

BRANDÃO, Carmen Celia. Relato oral feito em 13/05/2022 SENZALA,

Marcelo. Relato oral feito em 12/07/2022